

Åsa Larsson

Quando a Tua Ira Passar

Tradução

Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

Oh! Se me escondesses na mansão dos mortos
e me ocultasses, até se aplacar a tua cólera!
Se me fixasses um limite para te lembrares de mim!
Acaso voltará a viver um homem morto?
Esperaria todo o tempo do meu combate
até que me viessem render.

Tu me chamarias e eu responderia,
se quisesses rever a obra de tuas mãos.
Tu conheces todos os meus passos;
mas perdoa os meus pecados.
Encerra-os num saco
e apaga as minhas iniquidades.

Assim como a montanha se desmorona,
e o rochedo muda de lugar,
e as águas desgastam as pedras,
e o aluvião arrasta a terra móvel,
assim Tu aniquilas a esperança do homem.

Tu o destróis e ele desaparece para sempre;
desfigura-lo e afasta-lo.
Serão homenageados os seus filhos e ele há-de
[ignorá-lo,
serão humilhados, e não o saberá.
Só ele sofrerá as dores do seu corpo;
e só ele lamentará as penas da sua alma.

Livro de Job, capítulo 14, versículos 13-22

Recordo-me quando morremos. Recordo-me disso e sei-o. É assim. Há coisas que sei ainda que as não tenha vivido na minha própria pele. No entanto, não sei tudo, nem de perto nem de longe. Não existem regras fixas. Tal como acontece com as pessoas, por exemplo: às vezes são livros abertos onde se pode penetrar; às vezes encontram-se fechados. O tempo não existe. Está como que desintegrado por uma batedeira.

O Inverno chegou sem neve. Em Setembro já havia gelo, mas a neve quis fazer-se esperar.

No dia 9 de Outubro o ar era frio e o céu estava azulíssimo, um dia perfeito para to servir numa taça e bebê-lo de um só trago.

Eu tinha dezassete anos. Se ainda fosse viva, teria agora dezoito. Simon tinha quase dezanove. Deixou-me levar o carro, muito embora não tivesse carta de condução. O caminho do bosque estava cheio de socavões. Gostava de conduzir, e soltava uma gargalhada a cada buraco ao mesmo tempo que o cascalho e as pedras picavam o *châssis*.

– Perdoa-me, *Bettan* – dizia Simon para o carro acariciando o porta-luvas.

Não fazíamos a mínima ideia de que íamos morrer. Eu não sabia que acabaria os meus dias a gritar com a boca cheia de água. Nem tão-pouco que faltavam apenas cinco horas.

O caminho do bosque terminava em Sevujärvi. Descarregámos o carro e era obrigada a fazer uma pausa a cada instante para olhar em redor. A beleza daquele lugar era sobrenatural. Levantei as mãos para

o céu, semicerrei os olhos de frente para o Sol, uma esfera branca abrasadora, e segui a passagem de uma nuvem sulcada que deslizava lá por cima. As montanhas erguiam-se inalteradas desde tempos imemoriais.

– O que estás a fazer? – perguntou Simon.

Sem baixar os braços nem a cabeça, respondi-lhe:

– Fazem-no em quase todas as religiões. Olham para o céu e levantam as mãos. A verdade é que entendo isso na perfeição. Faz bem. Vais ver, experimenta.

Respirei fundo e soltei o ar numa grande nuvem branca.

Simon sorriu e abanou a cabeça.

Para pôr a pesada mochila às costas, primeiro pousou-a numa rocha. Em seguida, olhou para mim.

Sim, recordo muito bem aquele seu olhar, como se não pudesse acreditar na sorte que tinha tido. E não era para menos; eu não era uma rapariga qualquer.

Simon costumava examinar-me. Gostava de contar cada um dos meus sinais de nascença, ou quando sorria punha-me a unha nos dentes e começava a enumerar os picos da cordilheira de Kebnekaise:

– Sydtoppen, Nordtoppen, Drakryggen, Kebnepakte, Kaskasapakte, Kaskasatjåkko, Tuolpagorni.

– No doze, início de cárie; no onze, manifesta; no vinte e um, distal – respondia eu.

As mochilas pesavam muito com o equipamento de mergulho.

Subimos caminhando até ao lago Vittangijärvi numa ascensão que durou três horas e meia. Ficámos contentes por o solo estar gelado, pois isso facilitava a caminhada. Transpirávamos, de vez em quando parávamos para beber um pouco de água e numa ocasião fizemos uma pausa para tomar café do termo e comer umas sanduíches.

Com os nossos passos ouvíamos o ranger do musgo gelado a quebrar-se e o estalido do gelo dos charcos.

À nossa esquerda erguia-se a montanha Alanen Vittangivaara.

– Lá em cima existe um antigo lugar onde os Sami realizavam sacrifícios – disse Simon apontando com o dedo. – Uhrilaki.

Era isso que adorava nele; que soubesse essas coisas.

Por fim chegámos. Pousámos as mochilas com cuidado na encosta e ficámos em silêncio durante um longo momento enquanto contemplávamos o lago. O gelo parecia uma grossa asa de vidro colocada por cima da água. No seu interior viam-se fiadas de bolhas como se fossem colares de pérolas. As brechas pareciam papel de seda plissado.

A geada branca havia coberto cada fibra de erva e cada galho fino até torná-los brancos e quebradiços. As matas de arando vermelho e os zim-bros já apresentavam o tom verde-escuro que o Inverno lhes conferia. O videiro-anão e os arandos eram agora cor de sangue e violeta. E tudo exibia uma película de escarcha, uma aura de gelo.

O silêncio era inverosímil.

Simon ficou pensativo e ensimesmado, como é costume acontecer-lhe. É uma dessas pessoas que dizem que em momentos como aquele o tempo poderia ficar suspenso. Ou era. Era uma dessas pessoas.

Contudo, eu nunca consegui ficar calada por muito tempo. Tive de soltar um grito. Tanta beleza junta era o que fazia com que explodíssemos.

Desatei a correr pelo gelo o mais depressa que pude sem escorregar; mantive as pernas afastadas e fui a deslizar ao longo de metros e metros.

– Experimenta – gritei para Simon.

Ele sorriu-me e voltou a abanar a cabeça. Isso era algo que havia aprendido a fazer em casa, ali na aldeia. Dizer que não com a cabeça. Em Pii-lijärvi fazem-no muito bem.

– Não, não – gritou. – Alguém vai ter de te tratar das pernas quando as partires.

– Medricas – disse-lhe e, de novo, pus-me a correr e a patinar.

Depois caí e fiquei ali a olhar para o céu durante alguns minutos, ao mesmo tempo que acariciava o gelo com adoração.

Levantei-me e os nossos olhares cruzaram-se.

Tu e eu, diziam os seus olhos.

Tu e eu, respondi-lhe com os meus.



Simon juntou algumas folhas secas e um pedaço de córtex de vidoeiro, para que pudéssemos comer alguma coisa antes do mergulho e não ficarmos sem forças e perder também o sentido de humor.

Assámos uma grande salsicha de Falun espetando as rodela nuns ramos. Eu não tinha paciência para fazê-lo como deve ser, por conseguinte ficava esturricada por fora e por dentro ficava crua. Os gaios famintos foram-se juntando nas árvores à nossa volta.

– Antigamente, as pessoas comiam-nos – disse, apontando para os pássaros com o queixo. – Foi a Anni quem me contou. Ela e os seus primos esticavam uma corda muito fina entre as árvores e espalhavam-lhe por cima uns bocadinhos de pão mole. Os pássaros pousavam na corda para comer, mas não eram capazes de se manter de pé e rodavam até ficar pendurados de cabeça para baixo. Depois, bastava apanhá-los um a um, como se fossem fruta. Devíamos experimentar, temos alguma corda?

– Não preferes outro pedaço de salsicha?

Típico comentário chato, mordaz e maravilhoso de Simon. E nem sequer meio sorriso que indicasse que estava a brincar.

Dei-lhe um empurrãozinho no peito.

– Idiota! Não estava a pensar comê-los, só quero ver se funciona.

– É melhor despacharmo-nos e irmos andando, antes que comece a escurecer.

Fiquei séria de imediato.

Simon apanhou mais folhas secas e córtex. Também encontrou um tronco seco de vidoeiro. Dá bom fogo. Deitou cinzas por cima das brasas. Disse que se tivéssemos sorte bastaria soprar um pouco para reavivar as chamas depois do mergulho e, visto que sairíamos de lá gelados, seria bastante agradável obter um fogo bem rápido.

Transportámos os tubos de respiração, os reguladores, as máscaras, as barbatanas e os neoprenos de uso militar em segunda mão até ao gelo.

Simon ia à frente com o GPS.

Em Agosto tínhamos levado o caiaque ao longo do rio Vittangiälven até ao lago Tahkojärvi, fazendo-o deslizar pela água sempre que era possível, e depois subimos a remo até ao lago Vittangijärvi. Sondámos o lago. Quando encontrámos o sítio, Simon gravou-o no GPS com o nome de «Wilma».

Contudo, no Verão, a velha herdade da margem oeste estava ocupada por pessoas que iam até lá acima para passar as férias.

– Agora devem estar ali dentro com os seus binóculos – disse eu enquanto olhava com olhos semicerrados para a outra margem –, tentando descobrir que espécie de aves raras somos nós. Se dermos um mergulho agora, toda a região ficará a saber num piscar de olhos.

Por isso, quando chegámos ao fim, remámos até à margem oeste, puxámos o caiaque para terra e continuámos a pé até à herdade. Uma vez ali, fizemo-nos convidados para tomar um café e preguei-lhes uma peta dizendo que o ISMH – o Instituto Sueco Meteorológico e Hidrográfico – nos havia dado meia dúzia de patacas para sondar a profundidade do lago. Sim, com efeito, estava relacionado com as alterações climáticas.

– Quando fecharem no Inverno – disse Simon enquanto voltávamos para casa com o caiaque –, também poderemos usar o barco deles.

No entanto, o lago não tardou a começar a gelar e tivemos de esperar que o gelo ficasse bastante espesso, o suficiente para aguentar. Mal podíamos crer na sorte que tínhamos de não nevar, pois inclusive teríamos um pouco de visibilidade. Pelo menos um metro, ou um pouco mais. Se bem que fosse certo que iríamos descer muito mais do que isso.

Simon serrou o buraco. Primeiro abriu um buraco com o machado, a capa de gelo não era excessivamente grossa. Depois pegou no serrote de ponta. Tínhamos deixado a motosserra em casa, porque era uma carga demasiado pesada; além disso, teria causado um escândalo considerável e a última coisa que queríamos era chamar a atenção. Parecia o título de um romance. *Wilma, Simon e o Segredo do Avião*.

Enquanto Simon ia alargando a abertura, eu montei uma cruzeta usando um par de tábuas de madeira e uns quantos pregos que colocávamos depois por cima do buraco para atar o cabo-guia.

Despimos tudo menos a camisola interior polar e vestimos os fatos.

Não tardou muito para que estivéssemos sentados na beira do buraco.

– Desce quatro metros de uma vez só – disse Simon. – O pior que nos pode acontecer aqui é ficarmos sem ar se o regulador enregelar. O risco é maior à superfície.

– Está bem.

– Mas também pode acontecer lá mais para baixo. Estes lagos elevados não são de fiar. Talvez haja uma entrada de água em algum lugar que esteja a formar uma corrente. Se for esse o caso, a temperatura poderá até descer abaixo de zero. No entanto, o risco é maior à superfície. Ou seja: vai logo direitinha lá para baixo.

– Está bem.

Não queria ouvi-lo. Queria descer. Já.

Simon não era instrutor de mergulho, nem pouco mais ou menos. Todavia, tinha lido umas coisas, tanto nas revistas como na Internet. Continuou com as recomendações sem se deixar perturbar.

– Dois puxões da corda significam subida.

– Está bem.

– Pode ser que encontremos a nave logo à primeira, mas não é o mais provável. Vamos descendo e avançamos consoante formos vendo.

– Está bem, está bem.



E mergulhámos.

Simon é o último a entrar. A água fria é como um coice directo na cara. Coloca a cruzeta com o cabo-guia por cima do buraco.

À medida que descemos vai consultando o computador de mergulho. Dois metros. Claro como o dia. O gelo que nos cobre é como uma janela por onde entra o sol; quando estávamos lá fora via-se tudo escuro, lá de baixo é azul-claro. Quinze metros. Escuridão. Imagino que Simon deva estar a perguntar-se como me sinto. Contudo, sabe que sou rija e não me vou abaixo com facilidade. Dezassete metros.

Descemos até ficar por cima do avião afundado.

Não sei o que esperava, mas isto não era de certeza, sem sombra de dúvida; que fosse tão fácil. Sinto borbulhas de riso percorrendo-me o corpo sem poderem sair neste preciso instante. Morro de vontade de ouvir os comentários de Simon quando estivermos a aquecer-nos junto à fogueira. Está sempre tão tranquilo, mas sei que dentro de um instante as palavras irão acumular-se-lhe na boca.

Parece que o avião esteve caído ali em baixo só à espera da nossa chegada. Como é óbvio. Havíamos sondado. Já o tínhamos procurado. Sabíamos que estaria por aqui.

No entanto, quando o vislumbro na escuridão do fundo do lago, posui um aspecto irreal. É muito maior do que poderia imaginar. Simon ilumina-me com a lanterna. Entendo que deseja ver a minha reacção, o meu semblante de alegria. O problema é que a máscara impede que seja capaz de interpretar a expressão da minha cara.

Faz um movimento para cima e para baixo com a palma da mão. Significa que vá com calma. Dou-me conta do quão acelerada se encontra a minha respiração. Preciso acalmar-me se quiser que o ar não se acabe.

Talvez ainda me dê para cerca de vinte minutos. Depois disso também começaríamos a sentir demasiado frio. Dirigimos o feixe de luz das lanternas para a fuselagem do avião. As formas ovais de luz percorrem o casco coberto de lodo. Tento descobrir de que modelo se trata. Um *Dornier*? Nadamos por cima do aparelho afastando a lama com a mão. Não, a chapa está corrugada. Trata-se de um *Junkers*.

Percorremos a asa e esbarramos com o motor. Encontra-se numa posição um pouco esquisita. Há qualquer coisa que não... algo que parece... Retrocedemos. Mantenho-me colada a Simon sem soltar o cabo-guia. Acaba de encontrar um trem de aterragem. Na parte superior da asa.

Vira-se para mim e roda a mão em 180 graus. Entendo o que pretende dizer-me. O avião está de pernas para o ar, é por isso que parece tão mal posicionado. Deve ter-se virado quando se afundou na água: uma reviravolta e depois a pique com o nariz para diante; porém, de costas. Se a aterragem foi assim, o mais provável é que todos tenham tido morte instantânea.

Muito bem, e como se entra?

Depois de procurar por alguns momentos, encontramos a porta lateral que se encontra mesmo junto à asa. Não conseguimos abri-la e as janelas são demasiado pequenas para se poder entrar por elas.

Nadamos até ao nariz do avião. Houve ali um motor em algum momento, mas já lá não se encontra. Suponho que não me engano sobre a forma como tudo se passou. Primeiro o nariz bateu na água e o motor soltou-se. Em seguida, a fuselagem afundou-se até ao fundo do lago. Os vidros

da cabina estão partidos, e como o aparelho se encontra de pernas para o ar, é um pouco difícil alcançá-lo; mesmo assim conseguimos.

Simon ilumina o interior. Em algum lugar ali dentro flutuam os restos mortais da tripulação. Trato de proteger-me contra a visão do que pode sobrar do piloto, mas no entanto não vemos nada.

De certeza que agora Simon se arrepende de não ter comprado um carretel de fio como lhe disse. Terá de conformar-se. Não há sítio nenhum onde atar o cabo-guia, mas eu estou a segurá-lo bem e os dois verificamos que Simon o tem bem atado ao cinto de pesos.

Simon ilumina a mão com a lanterna. Aponta primeiro para mim e depois para baixo. Espera aqui, é o que isso significa. Depois mostra-me todos os dedos da mão por duas vezes, dez minutos.

Foco a mão e levanto o polegar. E atiro-lhe um beijo desde o regulador.

Simon enfia os braços pelo buraco do pára-brisas, agarra-se com as mãos às costas de um dos assentos dos pilotos e impulsiona-se com suavidade para o interior do avião.

Agora tem de deslocar-se com cuidado de modo a levantar o mínimo de lodo possível.



Vejo Simon desaparecer. Depois olho para o relógio. Dez minutos.

Começo a ser assaltada por ideias que prefiro repelir antes que tomem forma na minha consciência. Por exemplo, o que acontece dentro de um avião velho que se encontra há mais de sessenta anos no fundo de um lago quando se entra a nadar e de repente se começa a remover água? O ar expelido pelo regulador poderia ser suficiente para que algumas coisas se soltassem. Poderia cair-lhe alguma coisa em cima. Poderia ficar encuralado debaixo de algo pesado. E se isso acontecesse e eu não pudesse libertá-lo? Se o ar se acabar, salvo-me a mim e volto à superfície? Ou fico a seu lado para morrer na escuridão?

Não, não. Não posso pensar assim. Vai correr tudo bem. Vai ser o máximo. E macacos me mordam se da próxima vez não hei-de ser eu a entrar.

Foco com a lanterna aqui e ali, mas neste ambiente não tem grande alcance. Além do mais levantámos um monte de lodo e a visão piorou

muito. É difícil imaginar que lá em cima, não muito longe dali, apenas a uns quantos metros de distância, o Sol brilha sobre o gelo reluzente.



Então apercebo-me de que o cabo-guia que me une à cruzeta de madeira do buraco flutua solto na minha mão.

Puxo-o para esticá-lo, mas não consigo. Começo a recolhê-lo. Um metro, dois metros. Três.

Ter-se-á soltado da cruzeta? Atámo-lo com toda a consciência e atenção.

Puxo mais depressa. Agora tenho a outra extremidade na mão. Fito-o, cravo-lhe os olhos.

Deus meu, preciso subir e atá-lo. Quando Simon sair do avião não teremos tempo para nadar sob o gelo à procura do buraco de saída.

Encho o colete com um pouco de ar e começo a subir devagar. Saio da escuridão, enfio-me na penumbra, vai ficando mais claro. Tenho o cabo na mão.

Olho em busca da abertura, um foco de luz que atravessasse o gelo, mas não a vejo. Em seu lugar vislumbro uma sombra. Um quadrado negro.

Há alguma coisa que tapa a concavidade. Nado até lá. A cruzeta de madeira já não se encontra ali. Agora o que existe é uma porta a tapar o buraco; de cor verde, feita com pranchas e uma trave que as atravessa de um canto ao outro; trata-se da porta de um barracão ou de um celeiro.

Por um instante penso que deveria estar caída em algum lugar e que o vento a arrastou. Mas antes de concluir o pensamento, depressa me dou conta do quão errada estou. Lá em cima faz um dia ensolarado e não há nem um bocadinho de vento. Se existe uma porta em cima do buraco é porque alguém a pôs ali. Que espécie de engraçadinho faz uma coisa dessas?

Tento afastar a porta para um dos lados com as duas mãos. Larguei o cabo e a lanterna, que mergulham a pouco e pouco até ao fundo. A porta não se move do sítio. A minha respiração acelerada retumba nos ouvidos enquanto estico e empurro, em vão. Percebo que o brincalhão está de pé do outro lado. Está alguém de pé em cima da porta.

Afasto-me a nadar e saco da faca de mergulhador. Começo a picar o gelo. Custa muito. A água entorpece os movimentos da mão. Os golpes não possuem força suficiente. Faço girar a faca, continuo a picar. Por fim, consigo perfurar o gelo. Agora é mais fácil, faço rodar a lâmina no interior do buraco raspando as bordas.



Simon nada com o maior cuidado possível no interior do avião afundado. Passou pelo assento do operador de rádio atrás do lugar de comando e prosseguiu adentrando no veículo. Parece sentir um suave puxão no cabo e pergunta-se se será Wilma. Dois puxões para subir, foi o que lhe dissera. Mas e se ela ficou sem ar? Inquieta-se de súbito e decide sair dali. Seja como for, não vê nada. O ar e os seus próprios movimentos levantaram tanto lodo que não é capaz de ver a mão se esticar o braço, muito embora a ilumine com a lanterna. É como nadar numa sopa verde. Será melhor subirem.

Puxa o cabo-guia que tem atado ao cinto de pesos a fim de esticá-lo e poder, assim, segui-lo até à saída. Contudo, o cabo não estica. Está a recolhê-lo cada vez mais, metro a metro. Por fim, depara-se-lhe uma extremidade na mão. Wilma deveria estar a segurar o cabo, e a ponta deveria estar atada à cruzeta do buraco de saída.

O medo rói-lhe o diafragma como uma serpente. Não há cabo-guia. Como demónios vai chegar à janela da cabina? Não se vê a ponta de um corno. Como vai sair dali?

Nada até se lhe deparar uma parede. Tacteia com a mão. Nada do outro lado, já não distingue o que está para a frente e o que está para trás, nem tão-pouco o que há para os lados.

Tropeça em qualquer coisa solta, algo que se desloca. Foca com a lanterna. Não vê nada. Dá-lhe a impressão de que se trata de um corpo. Dá um safanão, afasta-se batendo as barbatanas. Rápido, rápido. Em qualquer momento ver-se-á a nadar entre extremidades que flutuam livremente. Braços e pernas que se desprenderam dos seus corpos. Precisa manter a calma, mas onde está ela? Há quanto tempo está ali? Que quantidade de ar lhe resta?

Já não distingue entre o que está por cima e o que está por baixo, se bem que não esteja consciente. Apalpa em busca de um assento, se der com um poderá orientar-se seguindo até ao nariz do avião, mas está à procura no tecto do aparelho e não encontra nada.

Vai de um lado ao outro, tomado pelo pânico. Em cima e em baixo. Não vê nada, nadinha de nada. O cabo que tem atado ao cinto de pesos fica enredado aqui e ali, nos engates do chão, num assento despedaçado, num cinto de segurança, em todo lado. Depois começa a nadar sobre o cabo. Choca com ele. Enreda-se nele, porque se estende por todo o compartimento do avião como se fosse uma teia de aranha. E Simon não acha a saída. Morre ali dentro.



Consegui abrir um buraco no gelo com a ajuda da faca de mergulhador. Luto para aumentá-lo, pico com a ponta, faço girar a lâmina no orifício. Quando tem o tamanho da minha mão, consulto o manómetro. Faltam vinte *bars*.

Não posso respirar tanto, tenho de me acalmar. Contudo, não consigo sair, estou encurralada debaixo do gelo.

Enfio a mão pelo buraco. Não tenho nenhuma intenção clara, é mais como se fosse a mão que se estende por vontade própria pedindo auxílio.

Alguém lhe pega com firmeza do outro lado. Primeiro sinto que encontrei ajuda, que alguém me vai tirar da água, que me salvará.

Depois a pessoa começa a puxar-me pela mão, dobrando-a de um lado para o outro. E então compreendo que estou encurralada, não posso ir a lugar nenhum. Quero libertar-me, mas a única coisa que consigo quando tento libertar a mão com um puxão é bater com a cara de encontro ao gelo. Um véu rosado derrama-se sobre o azul-celeste. Um pensamento desagradável passa pela minha cabeça: estou a sangrar.

A pessoa lá em cima muda a maneira como me prende a mão. Agora agarra-me como se estivesse a cumprimentar-me.

Aproveito para fincar os joelhos no gelo. Ponho as pernas em torno da mão presa e empurro com força. Liberto-me. A mão escorre para fora da luva de mergulho. Que fria que está a água. E a mão.

Afasto-me nadando cada vez para mais longe sem me soltar do gelo. Bato-lhe, pontapeio, arranho.

Tem que haver outra saída. Algum lugar onde a capa de gelo seja mais fina, onde possa quebrá-la. Começo a nadar outra vez.

Contudo, ele persegue-me a correr. Ou ela? Vejo a pessoa através do gelo. Está desfocada e vejo-a de baixo para cima. Encontra-se sempre por cima de mim. Nos intervalos da minha própria respiração, quando o ar que expiro não sai em borbotões nem me ribomba nos ouvidos, ouço os passos sobre o gelo.

E vejo-a apenas por uns instantes. O ar que expiro não tem onde enfiar-se, acumula-se sob o gelo como uma enorme bolha onde me vejo refletida. Deformada. Como na sala dos espelhos de um parque de diversões. A imagem vai mudando: quando inspiro o ar vejo a pessoa do outro lado, quando o expulso vejo-me a mim mesma.

E então o regulador enregela. O ar começa a sair pelo bocal. Paro de nadar, não sou capaz de pensar em nada além de respirar. A botija esvazia-se num par de minutos.

Depois não resta nada. Os pulmões sugam e sugam. Resisto, não quero respirar água. Estou a ponto de rebentar por dentro. Agito os braços. Bato no gelo em vão. A última coisa que faço em vida é tirar o regulador e a máscara. Depois morro. Já não existe ar que me separe do gelo. Já não vejo a imagem de mim mesma. Tenho os olhos abertos na água, agora sou capaz de ver a pessoa que se encontra ali em cima.

Uma cara que se cola ao gelo e que fica a olhar para mim. No entanto, não entendo o que vejo. A minha percepção das coisas retrocede como a água da maré.